ALEXANDRA BENEDICT

OS ENIGMAS DOS CRIMES DE NATAL

TRADUÇÃO
Carolina Ferreira Mendes
e Cláudia Aurélio

FICÇÃO · ROMANCE

À minha agente, Diana Beaumont –
sempre na lista dos bem-comportados

Noite feliz! Noite feliz!
O Senhor, Deus de amor,
Pobrezinho, nasceu em Belém.
Eis, na lapa, Jesus, nosso bem.
Dorme em paz, ó Jesus!
Dorme em paz, ó Jesus!

«Noite Feliz», letra traduzida por
Pedro Sinzig (c. 1912), do alemão
«Stille Nacht, heilige Nacht»

Nenhum homem é uma ilha isolada; cada
indivíduo compõe o continente, faz parte de
um todo. Se um torrão for arrastado pelo mar,
a Europa torna-se menor, qual promontório,
qual morada tua ou dos teus amigos. A morte
de qualquer homem diminui-me, pois sou parte
da humanidade. Por isso nunca perguntes por
quem os sinos dobram; dobram por ti.

Devotions upon Emergent Occasions,
John Donne, 1624

JOGOS E QUEBRA-CABEÇAS

Jogo 1

No início de cada capítulo, incluindo o prólogo e o epílogo, encontrarão uma pista. Reorganizem os 37 caracteres para descobrir o filme natalício. Boa sorte!

Jogo 2

Encontrem cinco músicas populares de Natal escondidas no texto do epílogo e dos capítulos 8, 14 e 24.

Jogo 3

Constam neste livro oito dos meus livros e filmes que se passam em hotéis favoritos. São capazes de os encontrar nos capítulos 1, 3, 9, 13, 15 e 17.

As soluções dos jogos encontram-se no final do livro!

Índice

Lista de personagens *13*

M · Prólogo *15*
A · Um *17*
J · Dois *23*
E · Três *28*
R · Quatro *37*
D · Cinco *41*
(· Seis *45*
B · Sete *49*
H · Oito *53*
O · Nove *61*
T · Dez *65*
9 · Onze *71*
C · Doze *73*
N · Treze *85*
K · Catorze *89*
E · Quinze *101*
O · Dezasseis *104*
9 · Dezassete *110*
A · Dezoito *112*
I · Dezanove *118*
S · Vinte *126*
T · Vinte e um *132*
D · Vinte e dois *139*
) · Vinte e três *144*
M · Vinte e quatro *149*
U · Vinte e cinco *156*
E · Vinte e seis *159*
R · Vinte e sete *165*
1 · Vinte e oito *169*

D · Vinte e nove *174*
O · Trinta *181*
T · Trinta e um *187*
U · Trinta e dois *189*
N · Trinta e três *192*
3 · Trinta e quatro *203*
O · Trinta e cinco *208*

N · Epílogo *213*

Agradecimentos *215*
Perguntas para quebrar o gelo! *217*

Respostas dos jogos *219*

Lista de personagens

Pessoal do Hotel do Castelo Aster

Tarn Bayard – mordoma-chefe/governanta-geral
Izzie Collier – assistente de sala/empregada de andares/camareira/serviço de quartos
Ryan Dreith – chefe de cozinha
Swindon Marr – zelador/barqueiro
Felicity Morecombe-Clark – proprietária
Ivan Morecombe-Clark – proprietário
Mara Morecombe-Clark – gerente; filha mais velha de Felicity e Ivan
Owain Spencer – mordomo/serviço de quartos/assistente de sala
Kimberley Unwin – subchefe de cozinha/chefe de pastelaria

Hóspedes do Hotel do Castelo Aster

Celine Allard – criadora de conteúdos de viagens
Sean Brand-O'Sullivan – inspector na Polícia de Dorset; convidado de Riga
Robert Cole-Mortelli – banqueiro
George Delt – presidente da câmara local
Anna Malone – proprietária de portal de viagens
Riga Novack – laureada
Edie O'Sullivan – cruciverbalista; tia-avó e mãe adoptiva de Sean; companheira de Riga
Henry Palmer – crítico de viagens, jornalista e personalidade televisiva
Lucy Palmer – funcionária pública reformada e investidora; mulher de Henry

Prólogo

Dia 21 de Dezembro

À noite, nunca se fazia silêncio. Não completamente. Ouvindo com atenção, havia sempre barulho. Naquele momento, às três da manhã, numa localização remota, a pessoa que cometeu o crime conseguia distinguir ao longe uma sirene, um corujar amargurado, um pranto. Mas o tiquetaque repetitivo do relógio da avó sobrepunha-se a tudo. Sempre que a grande mão parava aos solavancos nas doze horas e o sino de bronze no topo estremecia, lembrava-se de que o tempo, tal como as vidas prestes a serem tomadas, era efémero.

Depois de fazer um chá forte, sentou-se à mesa junto da janela. Era o dia mais sombrio do ano, tão sombrio que a janela reflectia na perfeição aquilo que parecia ser um cenário natalício. *Crackers*[*] de Natal caseiros eram recheados. Lá dentro, pequenos brindes cuidadosamente seleccionados ao lado das coroas de papel e das tiras de cartolina com o fulminato de prata do costume. Depois seguir-se-iam os enigmas, cheios de mistério e significado.

Enquanto se agasalhou com um cobertor sobre os ombros, folheou as notas para verificar tudo ao pormenor pela segunda vez. Cada convidado tinha uma pasta com prós e contras. Com os crimes que cometeram, as mentiras que contaram, o que fizeram de bom, as almas que consolaram. Chegara a hora de decidir quem ia para que lista.

Colocou os enigmas nos tubos dos *crackers*. Cada um destinado a um hóspede específico. Mas não os entregaria logo. Não, cada coisa a seu tempo.

---

[*] Tradição anglo-saxónica. Espécie de cartucho festivo em forma de rebuçado que, ao ser puxado pelas extremidades, estala e liberta brindes, uma coroa de papel e um bilhete com uma piada. (*N. das T.*)

O peixe da sorte* era o último a entrar, pronto a saltitar nas palmas dos convidados. À primeira vista, pareciam completamente normais, mas as instruções não podiam ser mais diferentes:

Cauda a mexer – INOCENTE
Cabeça a mexer – CULPADO
Cabeça e cauda a mexer – VEREDICTO INCONCLUSIVO
Pontas enroladas – BALANÇA EQUILIBRADA
Virado ao contrário – EM NEGAÇÃO
Sem movimento – CULPA PASSIVA
Completamente enrolado – SENSATO, DADAS AS CIRCUNSTÂNCIAS

Colocou um peixe na palma aberta. A cabeça e a cauda mexeram-se. Pelo menos não estava em negação, ao contrário da maioria dos hóspedes que chegaria ao Hotel do Castelo Aster. A menos que confessassem, no mínimo, quatro morreriam, e as informações dos restantes acabariam na Internet ainda antes do dia 26. E a pessoa que cometeu o crime fugiria, deixando apenas as cinzas da chaminé para trás.

A menos que alguém interviesse.

O coração badalou-lhe nos ouvidos, estremecendo-lhe no peito ao pensar naquilo. Trazê-la para a ilha do Azevinho era um risco enorme e podia resultar na sua desgraça. Mas tinha de ser assim. Ela era uma mentirosa. A velhota tinha de ser confrontada com o passado e, quiçá, enfrentar a morte, que estava nas suas próprias mãos.

Não havia volta a dar.

* Em inglês, «fortune fish». Pequeno peixe de celofane vermelho que se mexe na palma da mão de quem o segura, devido à humidade e ao calor da pele. Tradicionalmente usado para prever o futuro. (*N. das T.*)

Um

24 de Dezembro – Véspera de Natal

Edie O'Sullivan encostou a cabeça à janela do comboio. Parecia tudo tão idílico… O início de um Natal perfeito. Dormira surpreendentemente bem na cabina a bordo do *Calendonian Sleeper*, estava numa viagem única com as suas duas pessoas favoritas e tinha uma vista fantástica da zona exclusiva para os lagos banhados pela luz do amanhecer e as montanhas esculpidas pelo tempo. Era tudo muito idílico, *excepto* uma coisa: as nuvens acinzentadas que começavam a surgir no céu.

– Vai nevar – observou Edie, como quem anuncia uma sentença de morte.

– É bom que neve – disse o empregado ao servir-lhes os pratos do pequeno-almoço. – Apostei que íamos ter um Natal branco.

– Bem, espero estar errada e aquelas nimbo-estrato desapareçam *sem* se desfazerem em água cristalina – respondeu Edie enquanto colocava um guardanapo no colo e anuía em sinal de aprovação para o salmão fumado e os ovos mexidos. – Mas raramente me engano.

– A minha mãe não adora a neve – explicou Sean do outro lado da mesa, antes de se atirar às panquecas. Por norma, só comia batidos de proteína e bagas de açaí antes do turno, na polícia. Hidratos eram uma raridade.

Ao olhar de Edie para Sean, as sobrancelhas do empregado anteciparam a pergunta que estava prestes a fazer:

– É sua mãe? Mas tem…

Teve o bom senso de não terminar a frase, mas era óbvio a quem se referia. Edie tinha oitenta e tal anos. Por isso, em termos estatísticos, era improvável ser a progenitora de um homem nos seus trinta.

– É uma longa história – explicou Sean. – Biologicamente falando ela é a minha tia-avó e adoptou-me quando era novo. – Depois de uma pausa, continuou: – Os meus pais morreram num acidente de carro.

– Oh!… – respondeu o empregado, e olhou de relance em direcção ao bar, perguntando-se quando ia regressar ao trabalho e escapar à conversa, ou servir-se de uma bebida para a esquecer.

Riga, de noventa e dois anos, tirou a salsicha do prato e entregou-a ao *pug* que arfava debaixo da mesa, *Nicholas*.

– E não foram as únicas coisas traumáticas a acontecer durante um Natal tempestuoso. É por isso que a minha Edie odeia a neve. Mas, ultimamente, tem baixado a guarda nesta altura natalícia – explicou Riga, antes de se virar para Edie e lhe dar um beijo nos lábios.

– É uma história de amor – acrescentou Edie, segurando a mão de Riga, para o empregado que as fitava de olhos esbugalhados. – Estamos juntas há dois anos.

O empregado sorriu, quiçá aliviado por a conversa ter passado para a devoção delas e deixado a morte para trás.

– Ainda há esperança para a minha avozinha, então. Enviuvou há vinte anos.

– Amar é como perder o comando da televisão – disse Riga a brincar com a morcela. – Não pares de procurar e um dia por acaso sentas-te em cima dele.

– Quem a ouvir falar assim até parece que me encontrou atrás do sofá – exclamou Edie para o empregado. – Somos vizinhas. Aconselhava a tua tia a avaliar a vizinhança e ver se há alguém jeitoso. Poupa no gasóleo.

– Vou dizer-lhe isso – respondeu o empregado. – Se bem que sou capaz de esperar até ela estar contente e apresentar-lhe a ideia depois do jantar de Natal, se é que me entendem.

Dito isto, o empregado afastou-se e regressou ao bar ainda a sorrir.

Riga tinha razão quanto aos sentimentos de Edie em relação à neve, mas só *em parte*. É verdade que lhe trazia memórias desagradáveis, mas não era só isso. Tal como purpurina, a neve fazia-a questionar-se acerca do que se escondia por baixo. Parecia fita correctora, nada desaparecia *mesmo*. Por isso, a sua hostilidade pela época festiva podia ter diminuído, mas a suspeita mantinha-se.

Ainda assim, a verdade é que *era* véspera de Natal. Se o mundo não se vestia como ela, com *Vivienne Westwood,* podia vestir-se de neve. Por breves momentos.